N.º 100

DIARIO DE PERNAMBUCO.

Hoje Sexta Feira 11 de Maio de 1827.

S. Anastacio M.

Preamar as 4 horas e 54 minutos da tarde.

Lua cheia as 6 horas e 5 minutos da manhã.

EXTERIOR.

O Courier de 23 de Dezembro transcreveu huma carta escripta de Monforte por um dos rebeldes da divisaõ do Marquez de Chaves, a qual o periodista Inglez traduziu da Quotidiene servilissimo jornal de Pariz, e um dos que escrevem a soldo da facçaõ jesuitica, dignissimo ramo da junta apostolica, que tem o seu centro em Mont-Rouge. Esta carta parece ser dirigida a algum apostolico, que lhe quiz dar voga remettendo-a para França, onde logo foi publicada pela Quotidiene. Daremos a sua traducçaõ, com algumas breves notas, e pela sua lingoagem hypocritamente religiosa, os nossos leitores conheceráõ facilmente que seu author pertence ao refalsado partido politico-fanatico. A carta è como se segue.

Monforte Dezembro 5. — Estamos occupando este posto nas montanhas, e as nossas avançadas chegaõ a Villa Pouca, e Lamego. O que resta é um ponto importante de opperações, que em breve será occupado pelos nossos realistas (aliàs rebeldes.) Fômos aqui alojados em um convento, e estes bons padres (1) nos consolaõ nas fadigas que soffremos pela boa causa; (2) sempre D. Miguel, e a patria (3).

---

(1) Bons Padres saõ de certo os que consolaõ de seus trabalhos, agasalhaõ, e animaõ uma càfila de salteadores, e rebeldes, que declaraõ guerra ao seu legitimo Soberano, assolaõ a patria, e roubaõ e assassinaõ os seus concidadaõs! Bons Padres de certo, e dignissimos confrades d'aquelles, que com os seus conventos abastecidos de viveres para um anno, corriaõ de cruz alçada as ruas de Pariz, excitando com seus sermões fanaticos e sediciosos os Parisienses, que morriaõ de fome, a defender-se contra Henrique IV.; d'aquelles, que afiaraõ o punhal de Jacques Clemente, e de Ravaillac! Et crimine ab uno disce omnes!

(2) Se a boa causa é a da rebeldia, dos roubos, dos abuzos, e do despotismo, Deos lhes dê o premio dos seus merecimentos, com a gloria de morrerem todos por ella.

(3) Nem D. Miguel, nem a patria quereis vós malvados! abusais de quanto é digno, e do nome de taõ elevada personagem para embahir o vulgo incauto. Sabei pois degenerados

Naõ podemos ainda encontrar as cazacas encarnadas. (4) Ha muito que as nossas Cidades, e o nosso terreno teem sido opprimido por elles. Esses homens nos consideraõ como colonia sua, e já é tempo de enxotallos para o mar. (5) Os mouros occuparaõ primeiro as nossas Provincias, e os Mouros teem desapparecido. (6) Somos ainda os filhos dos briosos Lusitanos, (7) e depois de havermos dado ao mundo um mundo novo, agora não temos patria. (8) O bravo Marquez de Chaves (9) está ainda comnosco. O Visconde de Montealegre está a nossa frente em Bragança. Entramos esta Cidade sem resistencia; (10) e que Portuguezes se opporiaõ aos que proclamaõ o seú livramento? (11) Ainda nos lembra que o General nos disse — " Filhos

---

Portuguezes que nem um, nem a outra vos dará louvor e recompensa. O Serenissimo Senhor Infante naõ vo-la outorgarà, porque a sua alma é muito elevada, para levar a bem que facciosos empreguem seu nome respeitavel, e o apresentem aos olhos do mundo como desobediente a seu augusto irmaõ, quando em todos os seus actos tem dado provas do contrario, ja desaprovando quanto se ha querido praticar sem authorisaçaõ sua, ja jurando a Carta Constitucional que rege estes Estados, e ja finalmente recebendo a maõ de sua Augusta Sobrinha, e nossa Rainha a Senhora D. Maria II. A patria taõ pouco vos dará louvor, porque naõ pode reconhecer por filhos os que lhe fazem a guerra estranha, e a anarchia.

(4) Console-se o author da epistola, que mais breve do que pensa os ha-de encontrar, se por ventura, como è de esperar os cazacas azues, lhe naõ tenhaõ dado o premio de suas laboriosas fadigas.

(5) Casos ha em que so o riso do despreso pode ser resposta adequada! Para esta bravata porem é pouco todo o riso da indignaçaõ e do despreso, quando se considera que um punhado de foragidos, sem patria, sem meios, e que apenas vivem de rapinas e dos donativos de alguns sacerdotes e frades fanaticos e immoraes, se jactaõ de declarar a guerra a uma naçaõ, como a Ingleza! `E' assim que D. Quixote com a bacia do barbeiro por elmo, com um chuço por lança, e montado no lazarento Rocinante prometia exterminar todos os malandrinos, gigantes e encantadores do mundo.

(6) Chistoso è na verdade o parallelo entre os Inglezes e os Mouros: entre estes que occupavaõ a nossa terra a força de armas, e nos tinhaõ em escravidaõ, e aquelles alliados fieis, intimamente ligados comnosco pela fé dos tractados, e pelos vinculos do commercio. Desgraçadas cabeças!

(7) Filhos naõ, porem o seu opprobrio e vergonha!

(8) E quando é que rebeldes, e salteadores tiveraõ patria?

(9) O Marquez de Chaves so pode dizer-se bravo no sentido, em que seus sequazes se chamaõ realistas e patriotas, quando .... entraõ em Portugal para destruir o legitimo governo. ....

(10) Diga-o intrepido Valdez, e seus esforçados companheiros!

(11) Todo o Portuguez digno d'este honrado nome, devia oppor-se, e se oppoz a vandalos que proclamavaõ a sua escravidaõ, o transtorno da ordem legal, que atacavaõ os direitos do seu Monarcha, a Carta, e as liberdades, e garantias que ella lhe afiança. Gloria, e louvor aos bravos que arrojaraõ do Alemtejo a quadrilha de Magessi, e a todos os que no campo da batalha afrontaõ peito a peito as cabildas rebeldes. Honra aos que denodadamente naõ afrouxaraõ jamais na brilhante carreira encetada, fazendo soar seus leaes sentimentos em todos os tempos, e em todas as circunstancias.

" fallam-vos em independencia, mas
" como pode haver independencia com
" as cazacas encarnadas? (12) Marchamos de festa em festa, os paizanos se armaõ em guerrilhas, e suas familias nos daõ vivas. Os conventos, os palacios, e as cabanas nos saõ franqueadas em toda a parte. Dentro em poucos dias nos acharemos no Porto. (13) Desejava que Vm. houvesse presenciado uma scena que se passou na Universidade de Valhadolid, que foi a leitura de uma carta escripta pela Marqueza de Chaves, (14) a heroina de Portugal (15) ao nosso Bispo, agradecendo-lhe o cuidado com que tractou os realistas. Naõ ha expressões que pintem o enthusiasmo do povo; ainda aqui existem vestigios d'aquelle caracter cavalheiresco, que nascia da antiga fé, e das recordações da patria. (16) Na minha primeira carta lhe enviarei um documento mui curioso, (17) que é uma consulta dos jurisconsultos e corporações ecclesiasticas de Salamanca sobre os direitos do Infante D. Miguel á corôa de Portugal.

[Quotidienne no Courier.]
[Do Portuguez.]

---

(12) Eis aqui um rasgo de eloquencia que escapou a Sancho Pança, quando arengou os habitantes da Ilha Barataria! Estes miseraveis para serem em tudo ridiculos até o saõ nas suas expressões. Quem diria que a phraze das cazacas encarnadas, havia subir da Ribeira nova para as proclamações do Chaves e do beato Antonio, hoje generaes em chefe do exercito rebelde, e dos rotos seus socios.

(13) Chama-se a isto ceifar a seara em herva! Naõ esperavaõ estes heroes encontrar em Amarante as bayonetas dos bravos soldados da patria. Nem taõ pouco presumiaõ que os seus con-socios esfriassem taõ depressa na gloriosa empreza. As riquezas da leal Cidade do Porto lisongeavaõ em demazia um paladar rebelde, para deixar de conceber taõ sanguineas esperanças.

(14) Taõbem nós miseraveis peccadores, gostariamos muito de ver essa amorosa e devota correspondencia entre uma fidalga rebelde, e e um Bispo fanatico, promotor de discordias, e corretor de guerras apostolicas.

(15) Naõ negaremos á Marqueza de Chaves o titulo de heroina, porque o crime taõbem tem seus heroes, e seus martyres. Somente affirmamos que a posteridade acharà o seu heroismo taõ differente do de D. Izabel Fernandes, ou de D. Filippa de Vilhena, como é a religiaõ do Reverendo Bispo pouco parecida á de S. Agostinho, ou de frei Bartholomeu dos Martyres.

(16) Naõ occorreu a Chateaubriand este pedaço de poesia oriental, para o aproveitar no seu poema do genio do christianismo. De certo que naõ escaparia ao versatil escriptor. . . . . aproveitar a luminosa ideia para o seu primeiro poema, que, se os ares continuarem turvos, terá por titulo — A exterminaçaõ dos Silveiras em Portugal, — com as competentes nottas historico-criticas.

(17) Mui curiozo na verdade, e taõ curioso como é insolente o arrojo com que um punhado de frades e jurisconsultos recostados em suas poltronas na sala das capitulos em Salamanca, como se fossem senadores romanos, que julgavaõ os direitos dos reis, tomaraõ o trabalho que ninguem lhes encomendou de decidir, a quem pertencia a corôa de Portugal. Este facto escandaloso sera apontado na historia, como o apuro da demencia, e do descaramento. , ! . . . . ? Quem authorisou esses rabulas juridicos para se erigirem em arbitros entre o Senhor D. Miguel, e o Senhor D. Pedro, que sabem melhor do que elles qual é o direito que lhes assiste? Quereraõ acazo os inclitos doutores de

Salamanca, que o seu voto seja de mais pêso, que o de todos os monarchas da Europa, que tractaõ e reeonhecem o Sr. D. Pedro IV. como Rei de Portugal? Bom conceito fará o mundo dos hespanhoes se houver de ajuizar d'elles por esta récua dos cathedraticos de Salamanca! Ora pois está dado o primeiro passo, resta o segundo, e mais brilhante, que he irem em corpo de faculdade intimar sua irrevogavel sentença ao Imperador do Brazil, que naõ perderà esta occasiaõ de os premiar como merecem! O dom-quixotismo politico, com que a junta apostolica tem eivado certas cabeças em Hespanha e Portugal he cousa notavel! Naõ ha hi miseravel estupido que naõ queira ingerir-se no governo das nações, e regular a seu caprixo os direitos dos reis e dos povos. Singular contradiçaõ; clamaõ contra as revoluções, e saõ elles os que as promovem! Fallaõ em lealdade, e saõ elles os que a naõ tem! Atroaõ com a religiaõ, e naõ se sabe qual seja a que professaõ! Mas se por ventura acontece serem os mais fracos, quando véem suspensa a espada da justiça, recorrem entaõ a amnistia, e aproveitaõ-se d'ellas para esperar a occasiaõ de novas turbulencias! Longe de nós o desejo de ver correr o sangue dos nossos similhantes. Longe de nós o clamarmos por patibulos e fogueiras, como clamavaõ esses monstros, e seus consocios, que nos dias de terror, exultavaõ só com a ideia de ver decepar milhares de cabeças, que outro crime naõ tinhaõ mais que aborrecer os rebeldes que profanaõ a religiaõ, atacaõ a patria, e insultaõ o Soberano! Longe de nós dizemos, taõ sanguinarios dezejos. Falle a lei e a lei somente, e emudeçaõ os odios e as vinganças particulares. Os amigos da virtude saõ em todos os tempos os necessarios inimigos do crime. Quem julga que poderá separar estas duas couzas, erra e conhece mal a ambas.

[Os redactores.]

(++++++)

Leilaõ.

1 Continua-se o Leilaõ que fizeraõ Roberto Monro & Companhia hontem da Mobilia da caza na rua da Cruz N.° 31, hoje 11 de Maio as 10 horas da manhã.

Fugidas de Escravos.

2 No dia 5 do corrente mez fugio hum escravo, cabra, de nome Anastacio estatura mediana reprezenta ter 17 para 18 annos, a armaçaõ do peito levantada, com todos os dentes da frente, e tendo a poucos dias acabado de ter bexigas doidas, ficaraõ-lhe algumas marcas pela cara, levou vestida calça de brim, camiza de panuho, jaqueta de pano preto ja velha, e chapeo dezabado. Qualquer Capitaõ de Campo que o pegar levará a caza de seo possuidor que he morador na rua Nova junto a ponte da Boa vista caza D: 26 que serà bem pago do seo trabalho.

* *

NOTICIAS MARITIMAS;
SAHIDAS.

DIA 9 do corrente — Saõ Petersburgo; P. Ing. Induz, M. Robert Burnel, equip. 9, carga assucar. — Boston; G. Amer. Haleniton, M. Carlos Pelham, equip. 9, carga assucar. — Unna; S. S. Antonio Valerozo, M. Joaõ Agostinho do Nascimento, equip. 9, em lastro. — Rio de Janeiro; L. S. Joze, M. Geraldo de Souza, equip. 7, carga varios generos,

PERNAMBUCO NA TYP. DO DIARIO, RUA DIREITA N.° 267.